NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIII NÚMERO 128 OUTUBRO 1955

PRESENÇA DA IGREJA — Fernando Melro 237
OS NOSSOS POBRES — J. Afonso 240
PIO XII FALA DE CINEMA — José Vieira Marques 242
DIMENSÕES DA POBREZA — Alberto Neto 248
O PADRE AMÉRICO «RECOVEIRO DOS POBRES» — A. Teixeira de Sousa 252
LIVROS NOVOS 230
CURSO DE ESTUDOS SOCIAIS — J. A. S. F. 233
CRÓNICA — Albino Cleto 267

Acaba de sair:

CÂNTICO EM TOM MAIOR

de — FRANCISCO COSTA

3.º volume da trilogia **«EM BUSCA DO AMOR PERDIDO»**

Obras sem par no Romance Moderno Português

I — ACORDE IMPERFEITO

II — NOCTURNO AGITADO

III — CÂNTICO EM TOM MAIOR

COLECÇÃO «CEMPÁGINAS»

organizada e dirigida POR MONS. MOREIRA DAS NEVES

BALMES — 10$00	*OZANAM — 10$00*
HELLO — 10$00	*PAPINI — 10$00*
MAETZU — 10$00	*SANTO AGOSTINHO — 10$00*
CHATEAUBRIAND — 12$50	*OLLÉ-LAPRUNE — 12$50*

A SAIR BREVEMENTE:

ANTÓNIO CÂNDIDO

LIVRARIA BERTRAND

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Redactores — ANTÓNIO AUGUSTO SARAIVA LEITÃO
— JOSÉ GONÇALVES MENDES
Proprietário e Editor — NICOLAU DIAS BAPTISTA
Administrador — ANTÓNIO TEIXEIRA DE SOUSA

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE — PORTO

ROSSIO, 93, 2.º — LISBOA

Tecidos pretos R.M.

FR. DOS RESTAURADORES, 13 - LISBOA

Lanifícios pretos, meias de algodão, lã e Nylon

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de Preço

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura

ARMEIS & MORENO, LDA.

T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38

TELEF. 28055

LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

À casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais — Lâmpadas - Suspensões

Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — CASAS DE BANHO — PÁRA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL — ASCENSORES — VENTILAÇÃO

ELÉCTRICAS — CONTRA INCÊNDIOS — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

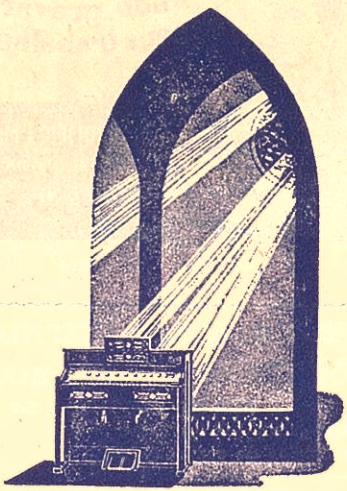
VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**



Orgãos
Harmoniuns

das mais famosas marcas mundiais

Grande diversidade de modelos

Peça demonstração ou esclarecimentos a

VADECA

Rua de Santo António, 210 PORTO

PRESENÇA DA IGREJA

É única a missão da Igreja — a salvação da humanidade em Cristo; única a sua fonte de eficiência — o Espírito Santo. E, porque uma só finalidade e causa eficiente dão a razão de existir à Igreja, errado é cindir em distinções reais a Igreja Jurídica da Igreja Mística, um Cristianismo dogmático dum moral e dum social. Pio XII, aliás, colocou o assunto em luz clara com a «*Mystici Corporis Christi*». As verdades morais, como as verdades sociais do Cristianismo são-no enquanto se projectam na verdade axial da identificação da humanidade com Cristo no plano sobrenatural do Reino de Deus. Desta economia divina emergem a força e a riqueza dos princípios e realizações da Igreja no domínio ético-social. «A Igreja — obra imortal do Deus de misericórdia — ainda que em si e de sua natureza tenha como fim a salvação das almas e a felicidade eterna, é no entanto, na própria esfera das coisas humanas, a fonte de tantos e tais benefícios que nem Ela os poderia conseguir maiores e mais numerosos mesmo que houvesse sido fundada, sobretudo e directamente, em ordem a assegurar a felicidade nesta vida». (1)

Nesta perspectiva têm de condenar-se duas mentalidades que diminuem e desvirtuam a verdadeira acção da Igreja no mundo, até enquanto se digladiam mùtuamente: — a dos que exigem à Igreja uma entrega imediata, exclusiva e apaixonada às questões sociais, e a dos que A encasulam no serviço estrictamente espiritual da santificação das almas sem Lhe consentirem interferências já nas demais actividades individuais, já na ordem das omnímodas relações sociais. Aqueles consideram a Igreja apenas como guichet entre céu e terra para distribuição propagandeada de doutrinas que lhes defendam os bens próprios ou lhes reivindiquem a posse de um lugar bem soalheiro; estes últimos usam do Cristianismo na escassa medida das suas precisões para asseguramento da vida eterna.

* * *

Toda a acção da Igreja está subordinada à sua missão pastoral. Mais claro, ainda, é dizer que a acção social, moral ou doutrinal da

(1) Leão XIII, *Immortale Dei*

Igreja são elementos do todo nuclear que é a missão pastoral de condução do homem para Cristo. Pulveriza-se a eficácia da Igreja com a desintegração de tais elementos.

Pela compenetração plena do homem com a dimensão total dos seus valores em Cristo se realiza, pois, a missão da Igreja. Faceta humana que se exima a esta compenetração é obstáculo à obra redentora do Verbo. A acção da Igreja é algo de intrínseco à humanidade («A Igreja actua na mais íntimo do homem, do homem na sua dignidade pessoal de criatura, livre, na sua dignidade infinitamente mais alta de filho de Deus.» (1) acção que atinge a própria natureza humana sublimando-a com a presença da graça.

O cristão é o sinónimo do «homem novo» de que S. Paulo fala nas suas Epístolas. Só quando o homem se rejuvenesce totalmente pelo Espírito é que na verdade faz parte do Reino de Deus.

Tornar Cristo presente em tudo que é humano, renovar totalmente a humanidade «cristificando-a», eis o apostolado. Por isso, como o pregador da Palavra de Deus, é também apóstolo o operário que, pela aceitação do seu trabalho como obra redentora e pela fiel correspondência às suas responsabilidades, se identifica com Cristo; é apóstolo o jornalista que fomenta a opinião pública com o testemunho integral da Verdade; apóstolo o homem do cinema ou da rádio que, de preferência a aviltar a arte com a comercialização da imoralidade, a dignifica com a luz do ideal cristão; apóstolo o homem de Estado que apenas usa das suas prerrogativas «para controlar, ajudar e regrar as actividades privadas e individuais da vida nacional fazendo-as convergir harmoniosamente para o bem comum... (2)» sem excluir ou negligenciar «esse aspecto interior, que é a essencial conexão com Deus de tudo o que diz respeito ao homem». (3) Apóstolos porque a sua consciência professional, as suas exigências de justiça e amor de si para com o próximo lhes brotam e se fortalecem da sua união com Cristo. Assim como Cristo, por intermédio de Paulo, se tornou presente em Corinto, Ele Se torna presente na fábrica, na opinião pública, no cinema, numa nação por intermédio desses homens integralmente cristãos. Não calam os Sumos-Pontífices esta mobilização de todas

---

(1) Pio XII, *Alocução ao Sacro Colégio*, 20-Fev.-46
(1) Pio XII, *Summi Pontificatus*
(2) Pio XII, *Mensagem do Natal* — 1942

as consciências para o apostolado da aceitação das responsabilidades como via de plena inclusão dos homens e das sociedades no Reino de Deus. Como síntese deste pensamento pontifício sejam recordadas as normas do Episcopado de França ao seu clero para formação da consciência dos leigos em ordem ao crescimento funcional e dimensional da presença da Igreja no mundo:

...É pela mediação da consciência do leigo que a lei divina se inscreve na cidade terrestre...

Para formar a consciência dos cristãos sob o ponto de vista social, o padre não se contentará com dar-lhes a conhecer, de um modo intelectual, os diferentes princípios da doutrina da Igreja. Esforçar-se-à por determinar nelas uma *angústia interior,* em face dum mundo que não observa a Lei de Deus e que vive fora das exigências da justiça e da fraternidade.

Os pastores de almas tomarão a peito lembrar aos seus fiéis a necessidade de, em toda a parte, dar testemunho do Evangelho e da sua fé católica pela maneira de se comportarem no pormenor da sua vida prática, todas as vezes que eles estejam em relações com os outros.

Pô-los-ão corajosamente de sobreaviso contra tudo o que poderia constituir da sua parte um verdadeiro *contra-testemunho:* falta de justiça social e de fraternidade respeitadora; esquecimento dos mal-alojados e dos sub-alimentados; luxo exagerado e processos fraudulentos ou indelicados; esbanjamento e sabotagem, etc...

Os sacerdotes, finalmente, esclarecerão os leigos sobre o dever que se lhes impõe de tomarem um *compromisso temporal,* isto é de participarem nas actividades de ordem geral, familiares, sindicais, económicas ou políticas.

Esta participação pode apresentar-se sob formas diversas: desde a simples adesão, que traz consigo o apoio moral, numérico e financeiro, até à participação activa que implica uma real doação de si mesmo e constitui o verdadeiro compromisso.

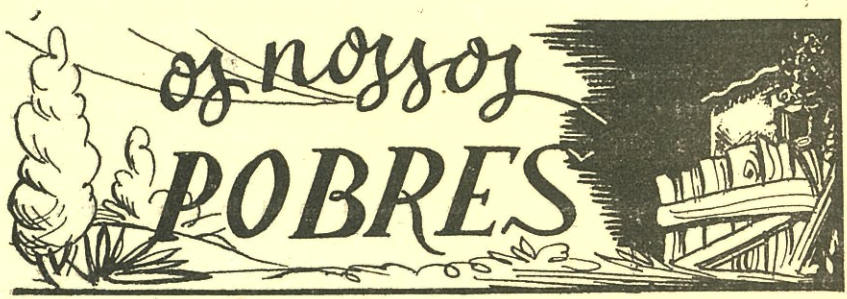
Se os cristãos não estão presentes nas instituições terrestres, estas arriscam-se a ver-se privadas duma plena eficácia segundo o plano de Deus e, até a serem organizadas de um modo perigoso para os interesses espirituais. Além disso, é para os cristãos uma excelente ocasião de darem um testemunho evangélico perante os outros homens. (1)

A todo o cristão tem de ser feita a pergunta: em que medida ele tem contribuído para a presença da Igreja no Mundo? Nem nos suponhamos quixotescos por nos interrogarmos sobre esta realização sublime. Ela é do plano divino. No campo mais ou menos reduzido das nossas responsabilidades, a presença da Igreja depende de nós. Mas deve ser lembrado que a primeira das responsabilidades, idêntica para todos, é a da presença do Reino de Deus dentro de nós mesmos. Daqui, a fonte da solução.

FERNANDO MELRO

---

(1) «*Directoire Pastorale en matière sociale à l'usage du clergé*» — adoptado pela Assembleia plenária do Episcopado a 27 de Abril de 1954 para todas as dioceses de França — *cit. § 32, 34, 35, 36.*



Hoje, é fácil e sedutora a fascinação do social. Porque a barraca de lata é incompatível com o urbanismo, porque o piolhoso e chagado é um contra-senso para o homem desportista, porque a miséria social é uma estupidez perante o progresso, toda a gente filantrópica e resolutamente alça o pendão da reforma social, da elevação dos desprotegidos e do aniquilamento definitivo da miséria. E como a segurança de que estão possuídos é resultante da satisfação dos sentidos, do bem estar físico e do progresso material, pensam ingènuamente que mais dinheiro, mais higiene, um mais elevado nível de vida, tudo isto resolve o problema. O ideal a atingir cifra-se em uma telefonia e um frigorífico — e porque não até um aparelho de televisão e um carro? — para todos!

E do combate à miséria passam ao combate à pobreza.

Querem salvar o Cristianismo reduzindo-o a um programa social, a uma panaceia que a todos os homens dê casa, trabalho, pão, barriga cheia e cabeça aliviada de preocupações — zelosos de o actualizarem, de lhe encontrarem uma adequada justificação na vida hodierna.

Cristo não veio como sociólogo ou reformador das estruturas económicas, veio apenas como Dom, Filho único do Pai Celeste. Não ignorando certamente o problema da miséria, veio tão só salvar o homem em toda a totalidade e ensinar só haver problema verdadeiramente humano quando visto à luz do Espírito e da Eternidade.

Sim, é por isso que a sociologia se desactualiza e o Cristianismo é perene.

O Evangelho sabe distinguir entre a pobreza e a miséria. A segunda, fruto do pecado e da opressão odiosa do «explorai-vos uns aos outros», não a tolera; mas a primeira, ama-a, enobrece-a; foi o único a fazer dela uma Virtude. Os economistas reclamam para o homem a

abundância, Cristo convida-o à renúncia; os políticos atiram-lhe com a miragem da chefia, Cristo indica-lhe a humildade; a civilização sensual e prazenteira oferece-lhe a exuberância do leviano e da posse, Cristo exige o empobrecimento do «eu» em favor do Sagrado.

O Evangelho segundo os romanos era abominação de escravos e miseráveis e continua a ser hoje, aos olhos dos pagãos de sempre um paliativo, uma pastilha doirada ignorante das realidades terrestres e inventora do azul celeste!

Que os marxistas, por exemplo, assim pensem, não admira; o que espanta, o que é monstruoso e traição é que alguns cristãos, desses de quem o Filho de Deus disse estarem no mundo mas não serem do mundo, se sintam inferiorizados pela espiritualidade do reino de Deus e refilem patriòticamente pelo reino social do mundo.

Os da cidade terrena definem o homem pelo ter, nada mais vêem nele que uma boca e um corpo.

Nós, os que vamos às barracas infectas, que aspiramos directa e francamente a penúria do tugúrio, temos vantagens sobre aqueles: começando pelo mesmo ter deles acabamos por o resolver no Ser. Assim não nos repugna entrar lá com a pobreza das nossas mãos vazias, sabendo que todo o estômago humano foi feito para uma alma capaz de chamar Pai a Deus e irmãos aos homens, destinada à Glória e até ao altar.

Por eles serem pobres eis o nosso amor. Vemos neles Jesus; não desistimos de os socorrer e de lutar pelos seus direitos, mas jamais renegaremos do homem integral que saíu de Deus e para Ele voltará. Protectoras de animais há muitas por esse mundo além: científica higiene, todo o risco social previsto e assegurado, horror à pobreza, tudo perfeito, tudo fatal, tudo automático. Tudo mecânico e socializado, nada humano e santificado.

«Bem-aventurados os pobres porque deles é o reino dos Céus!

Benditos os seus sorrisos e seu amor para connosco! — rica esmola de pobres a outros mais pobres.

Sim, assim há irmãos, filhos todos do mesmo Pai, não na igualdade democrática da mania social, não no ideal do homem transformado em vaca de pastagem, mas na desigualdade verdadeiramente numérica do destino indeclinável, insubstituível e único de cada homem criado à Imagem e Semelhança de Deus.

J. AFONSO

PIO XII FALA DO CINEMA

De há muito já que Pio XII feriu a nossa atenção pelo interesse que dedica, no seu programa de apostolado, aos meios de expressão que a Providência, através do aperfeiçoamento da técnica, colocou no nosso tempo quer à disposição dos propagadores do Reino de Deus, quer como campo do seu trabalho. Fruto de tal interesse é o importante discurso que, no passado 21 de Junho, dirigiu a alguns membros da indústria cinematográfica italiana. (1)

Começa o Santo Padre por determinar e definir os limites e a verdadeira natureza desse «mundo cinematográfico» especial dos nossos dias. De um lado, a produção, a realização, a distribuição com todos os seus problemas de ordem artística, económica e técnica. De outro, «o campo de influxo extraordinàriamente amplo e profundo» que o mundo cinematográfico cria à sua volta. A ligação íntima do espectador com a realização aí claramente definida tem grandes consequências e por isso, como acentua o Santo Padre, «resulta clara a necessidade de se estudar convenientemente a arte cinematográfica nas suas causas e efeitos, para ela também, como qualquer outra actividade, ser dirigida ao aperfeiçoamento do homem e glória de Deus».

I — IMPORTÂNCIA ACTUAL DO CINEMA

Sem determinar a natureza íntima do cinema, o seu verdadeiro valor, as causas últimas da sua tão grande sedução, qualquer solução que se procure para os problemas levantados pela tela terá sempre um valor muito relativo e uma eficácia puramente externa e, portanto, passageira quando não de todo nula. Esse estudo, que bastas vezes tem sido descuidado, é abordado no presente documento com muita segurança. O Santo Padre sugere três razões fundamentais que tornam as multidões assíduos clientes do cinema.

---

(1) Nos trechos que dele citamos servimo-nos da tradução não oficial dos Serviços de Imprensa do Vaticano e publicada em *Novi dades* de 28-VII-55.

«A primeira força de atracção de um filme deriva das suas qualidades técnicas que operam o prodígio de transferir o espectador para um mundo imaginário, ou, no filme documentário, de lhe pôr debaixo dos olhos, a realidade distante no espaço e no tempo... Mais, porém, que da perfeição técnica, a força de atracção e a importância do filme vêm do aperfeiçoamento do elemento artístico que não só se foi elevando pela contribuição de autores, escritores e actores, escolhidos com rigoroso critério, mas também, pela emulação, que se estabeleceu entre eles, em competição mundial... Mas, para penetrar em profundidade na eficácia do filme e para obter a apreciação exacta da cinematografia, é preciso atender à grande parte que nela têm as leis psicológicas, seja enquanto explicam o modo como o filme actua nos espíritos, seja enquanto conscientemente se aplicam a fim de produzir mais viva impressão no espectador».

Tem capital importância na história da atitude da Igreja para com o cinema, o desenvolvimento que o Santo Padre dedica a esta «terceira força», a psicológica. É a primeira vez que a Santa Sé se pronuncia tão objectivamente sobre esta importante parte da cinematografia. Começou a dar-se-lhe importância em 1935 na América. Actualmente, sobretudo em França, um bom lote de críticos católicos caminha ao lado de outros na vanguarda desses estudos das relações e papel da psicologia no cinema. O seu trabalho recebe agora altíssimo apoio e incentivo, pois como recorda o Santo Padre «a última explicação do poder extraordinário do filme é a estrutura íntima do fenómeno psíquico, sendo o espectáculo tanto mais empolgante quanto mais o filme estimula esse processo psicológico».

Reconhecido por um lado este «extraordinário poder» do filme e por outro a falta de escrúpulos de muitos orientadores do movimento cinematográfico, a salvaguarda dos direitos da comunidade não pode deixar de solicitar a intervenção das autoridades civis e eclesiásticas. É dessa intervenção realizada através dos organismos de Censura que o presente discurso se ocupa ao terminar a sua primeira parte.

«...a mentaildade do nosso tempo (...) preferiria uma defesa (contra os filmes perigosos) que partisse directamente da comunidade.
...Mas tal acção não é suficiente, só por si, pois o ardor e o zelo privado pode afrouxar, e de facto afrouxa depressa, como a experiência mostra. ...Se, por conseguinte, o património civil e moral do povo e da família deve ser eficazmente defendido, é mais que justo que a Autoridade pública intervenha devidamente para reprimir ou refrear as influências mais perigosas».

Oportuníssima esta defesa da Censura. O individualismo desenfreado ou a demasiada atenção ao aspecto artístico podem levar fàcilmente ao esquecimento do espectador vulgar — o grande «consumidor» do cinema e porque no geral não preparado, inteiramente aberto às sugestões do realizador.

II — CARACTERÍSTICAS DO FILME IDEAL EM RELAÇÃO COM O ESPECTADOR

Na segunda parte do seu discurso, o Santo Padre passa a tratar do filme ideal.

Deve este ser considerado sob três aspectos:

1) — «Em relação com o sujeito, quer dizer, com os espectadores a quem o filme é destinado».

2) — «Em relação com o objecto, isto é, com o conteúdo do mesmo filme».

3) — «Em relação com a comunidade sobre a qual o filme exerce particular influxo».

O Santo Padre restringe-se neste discurso ao primeiro aspecto, deixando o segundo e o terceiro para outra ocasião.

O filme ideal considerado em relação com o espectador deve ter como primeira característica o respeito pelo homem. Visa-se, directamente, nesta primeira faceta, o aspecto moral do filme.. E o Santo Padre acentua:

> «Não há, de facto, motivo algum que subtraia o filme à norma geral: quem trate com homens deve ter respeito ao homem. ...Já que o espectáculo cinematográfico tem o poder de atrair o espírito do espectador para o bem ou para o mal, só chamaremos ideal àquele filme que não só não ofenda a dignidade humana mas até a trate com respeito».

Parece ser este o máximo que podemos pedir à arte das imagens. Não esqueçamos, porém, que o cinema tem características muito especiais. Não é um retrato da realidade, antes pelo contrário, é susceptível pela sua própria natureza de nos dar dos problemas humanos uma visão integral, vivida; de nos transmitir uma mensagem. Nesta ordem de ideias, o Santo Padre continua:

> «Só é ideal aquele filme que reforça e eleva o homem na consciência da sua dignidade; que mais lhe faz conhecer e amar o alto grau em que, por natureza, foi colocado pelo Criador; que lhe fala da possibilidade de aumentar em si os dotes de energia e de virtude; que o confirma na persuasão de (...) poder progredir de bem em melhor, servindo-se da sua liberdade e faculdades».

Tudo isto será já muito num filme, mas não é ainda tudo no filme ideal. Pode pedir-se-lhe mais: «que ao respeito pelo homem junte afectuosa compreensão». Esta a segunda característica. Explicita-se claramente o Santo Padre:

«A vida humana na terra tem os seus altos e os seus abismos, ascensões e declínios; move-se entre virtudes e vícios, entre conflitos,, sobressaltos e tréguas, vitórias e derrotas. Tudo isto o experimenta cada um a seu modo, consoante as suas condições internas e externas, e a diferença de idades... Assim, diversas são as condições de movimento e de luta: na criança, é a aurora do despertar do espírito; no adolescente ,a primeira posse plena do uso e domínio da razão; no jovem, durante os anos do desenvolvimento, são grandes tempestades a altermarem com maravilhosas abertas; o homem adulto, muitas vezes absorvido totalmente na luta pela vida, sente os seus inevitáveis abalos; o velho, voltando-se para trás a remirar o passado com pena, saudade e pesar, interroga-se a si mesmo e considera as coisas como só pode fazer quem já percorreu longa jornada.

O filme ideal deve mostrar ao espectador que ele conhece, compreende e avalia devidamente todas as coisas; mas deve mostrá-lo à criança, como convém à criança, ao jovem, com linguagem que lhe é própria, ao homem feito como lhe corresponde, quer dizer, tornando seu o modo de conhecer as coisas, próprio de cada um».

Importantíssima missão é aqui reconhecida ao cinema e ao mesmo tempo lhe é solicitada. «Tornando seu o modo de conhecer e olhar as coisas, próprio de cada um», o filme desempenha no mundo o papel de criador e orientador de mentalidade. Conforme o realizador, assim será esta, melhor ou pior, boa ou má. Daí a necessidade urgente de os católicos tomarem uma posição activa neste importantíssimo valor do nosso tempo.

Um outro aspecto interessante se deve assinalar nas palavras acima transcritas: o reconhecimento da distinção de públicos, ainda para o filme ideal. Certos meios deploram que todos os filmes não possam ser vistos por todas as pessoas. O Santo Padre, em boa hora, desfaz esse erróneo preconceito: — «...o filme ideal deve mostrar as coisas à criança como convém à criança, ao jovem com a linguagem que lhe é própria, ao homem feito como lhe corresponde». Isto, que é verdade para o capítulo técnico-artístico, é-o igualmente no campo moral. O adulto pode e deve ver filmes cuja afluência estará necessàriamente vedada a crianças e, até, a jovens.

Na terceira característica apontada ao filme ideal, afirma o Santo Padre:

«Ao respeito e compreensão deve juntar-se o cumprimento das promessas e a satisfação dos desejos talvez apresentados e suscitados desde o início; tanto mais que, em geral, os milhões de pessoas que afluem ao cinema são movidos da vaga esperança de vir encontrar a satisfação dos seus anseios secretos e imprecisos... O filme ideal deve, portanto, corresponder à espectativa e dar não qualquer satisfação mas satisfação plena; não de todos os anseios, mesmo falsos e insensatos (os indignos ou amorais estão fora da questão) mas dos que o espectador justamente alimenta».

Um breve lançar de olhos para o panorama actual do cinema indica-nos o longo caminho que temos a percorrer neste capítulo. Porque as autoridades responsáveis pela salvaguarda do património moral da humanidade não assumiram uma atitude positiva junto do cinema, este entrou no caminho fácil da comercialização de temas baixos, lisonjeadores dos instintos inferiores. (1) Por isso, o trabalho de hoje é duplo: primeiramente, a educação do público, que só posteriormente torne possível à produção uma tão fácil recuperação dos capitais empregados em bons filmes como a que hoje se verifica nas realizações comerciais.

Nesta terceira característica o Santo Padre aborda ainda um problema largamente discutido. No filme ideal o espectador deve encontrar a satisfação dos anseios que lá o levaram. Sucede, porém, que muitos espectadores procuram no filme apenas uma evasão. Será lícito um filme com essas características à face da arte? Poderá ser um filme ideal? O Santo Padre responde com particular acerto e felicidade:

> «O homem moderno... deseja (por vezes) representações que... se limitem a aliviar o cansaço dos nervos e a afastar o tédio. Neste caso, o filme deve procurar satisfazer o melhor possível a tais condições, evitando, porém, cair em vulgaridades ou sensações indignas: Não se nega que mesmo uma produção predominantemente superficial possa atingir elevadas formas artísticas e ser classificada até como ideal, pois o homem é também superficialidade e não apenas profundeza».

Mas o cinema é a primeira arte que nos consegue incorporar em si mesma, arrastar-nos no seu tema, provocar em nós um verdadeiro estado onírico. Esta qualidade tão sujeita a exageros tem os seus limites e regras que o presente documento define com clareza:

> «Sem dúvida, é permitido ao filme ideal conduzir o espírito cansado e mal disposto às portas do mundo da ilusão, para lhe oferecer uma breve trégua no meio da dura realidade; mas devc procurar não revestir a ilusão de tais formas que esta venha a ser tomada como realidade por espíritos pouco experientes e débeis. De facto, o filme que da realidade conduz à ilusão, deve depois reconduzir, por assim dizer, da ilusão à realidade, com a mesma suavidade que a natureza emprega no sono».

---

(2) Um inquérito apresentado pela J. O. C. no seu primeiro Congresso (Abril de 1955) e realizado junto de 7.000 operários revela-nos esta assustadora realidade: 60 % dos interrogados procuram no cinema apenas a satisfação dos seus instintos inferiores. Melhor explicação não podíamos encontrar para o baixo nível da produção e nomeadamente da nossa distribuição.

Uma quarta e última característica aponta o Santo Padre ao filme ideal. «Precisa, ainda, de adaptar-se às exigências do dever inerente à natureza da pessoa humana e, em particular, do espírito». Segundo estas palavras, o filme ideal deve ajudar o indivíduo a realizar-se perfeitamente conforme «à norma directiva que encontra na consideração da sua natureza, no ensino dos outros homens e na palavra de Deus à humanidade».

Isto exige no filme um prolongamento espiritual, uma mensagem contida na transfiguração da realidade que, para além da passagem das imagens, deixe no espectador uma linha nova para a vida.

CONCLUSÃO

A realização do ideal proposto pelo Santo Padre importa inúmeras dificuldades. Na solução, porém terá capital importância a atitude do público. Educado e preparado, poderá ele aceitar e encorajar o bom cinema. No caso contrário, veremos o cinema — magnífico elemento para o revigoramento do nosso humanismo — continuar a comercializar-se e a deformar valores que a nossa civilização penosamente acumulou.

JOSÉ VIEIRA MARQUES

DIMENSÕES DA POBREZA

Com dificuldade apreendemos o verdadeiro sentido das coisas.

Habituados como estamos a adivinhar o sentido da história pelos acontecimentos, acabamos quase sempre por atingir à superfície o seu verdadeiro mistério. É que para além de todo o reboliço externo e aparente, há uma realidade profunda que escapa ao simples olhar humano. É essa realidade que constitui a profunda essência do mistério da vida, porque se alicerça nas profundezas insondáveis do mistério de Deus. E neste se encontra, em síntese, a explicação última da história.

Treinados com o mundo no jogo das aparências, fomos caindo imperceptìvelmente numa caverna de sombras que, à semelhança da de Platão, apenas nos mostra imagens fugidias dos seres. Adaptados à sua luz escassa e deficiente, já não sentimos necessidade de banhar os olhos na claridade essencial do que nos cerca. Somos mendigos cercados de riquezas. Toda a plenitude das coisas nos ultrapassa e é tal o nosso estado de impotência que não chegamos a ter consciência da nossa própria limitação. Possuimos meias verdades e cuidamo-nos senhores das coisas em plenitude.

Mais pobres, no entanto, que das coisas, somos pobres de nós mesmos. Contentamo-nos com uma vida feita de mentiras, sem nunca termos a coragem de descobrir e explorar toda a riqueza íntima do nosso ser, participação limitada da ilimitada essência divina. É que explorar demanda coragem, sacrifício e renúncia, que são conceitos com que o mundo não anda familiarizado. E sem essa coragem e essa renúncia, nunca o homem poderá chegar a possuir-se até ao mais profundo de si mesmo, até essa região banhada de luz, onde o julgamento humano não penetra porque a claridade que o inunda é a própria luz de Deus. Só aí o homem se conhece como é, e só aí conhece as coisas e os acontecimentos à luz a que Deus os conhece. Só aí deixa de ter lugar o engano, porque, olhando as coisas na sua verdadeira perspectiva, deixa de correr o risco de as deformar com os seus falsos conceitos.

* * *

Poucos são os homens que avançam pelas veredas íngremes e tortuosas do seu próprio ser, num desejo nobre de verdade e certeza.

E porque poucos, poucos são também os que olham para as coisas através de um prisma de justiça e equilíbrio. Poucos os que se não deixam manejar pelas aparências das coisas e dos acontecimentos.

Razão tem Thomas Merton para afirmar que no nosso mundo não haverá mais de dois homens que possuam em absoluto toda a riqueza da sua personalidade. Isto porque as condições actuais da vida humana nos exigem um febrilismo constante, uma atenção premente que não consente nem predispõe normalmente para uma vida de reflexão e aprofundamento. Daí a razão do homem moderno viver durante dezenas de anos paredes meias consigo mesmo, sem se conhecer. E não se conhecendo senão naquilo em que não é, acabará necessàriamente por conhecer todas as coisas como se conhece a si mesmo.

*
* *

Sendo a pobreza sacerdotal uma loucura aos olhos do mundo, nunca poderá ser compreendida por este dentro das suas verdadeiras dimensões. Para uns será mania, para outros santidade exótica, para outros ainda pura exaltação mística. No entanto, a mensagem profunda do espírito de pobreza, o seu verdadeiro sentido como exigência de perfeição cristã, escaparão sempre como água que escorre entre os dedos. Não que o mundo não ame o padre desprendido e esmoler. Não que os fiéis o não admirem. Não que os homens de hoje o não exijam. Mas para além de todo este louvor e de toda esta exigência, ficará sempre uma zona de incompreensão onde o padre verdadeiramente pobre se move, sem que os homens o entendam. É que, para o entender, teriam de deixar de julgar as coisas à superfície. Seria preciso entrar profundamente no mistério de uma vida aparentemente falhada, onde nada reclama admiração, mas onde tudo se quebra em aparente derrocada. Para o entender, seria preciso entender a própria pobreza do Filho de Deus que, depois de tanto ter feito, morreu incompreendido. Para o entender, seria preciso acreditar que, ainda hoje, no nosso mundo, se alguém disser a um monte: — atira-te ao mar! — ele irá de facto submergir-se. Para o entender, será preciso, por fim, deixar de julgar segundo o espírito do mundo, que é espírito de mentira, e acreditar nas misteriosas palavras do Mestre: «Se o grão de trigo, que cai à terra, *não morre,* não dará fruto».

Acostumados a construir, difìcilmente entendemos e aceitamos o que nos parece inútil e infrutuoso.

Nada nos espanta ver levantar um edifício com pedra, cal e areia. Tudo isso é lógico. A tudo isso estamos afeitos. Tudo isso entra dentro da nossa maneira de ver. Os nossos conceitos não sofrem violência porque tudo se passa dentro da normalidade.

Acreditar, porém, que se possa construir seja o que for, sem algo de positivo e concreto, parece-nos absurdo. E no entanto o padre, quando pobre em espírito e verdade, terá de construir sem pedra, sem cal e sem areia e, embora construindo sempre, nunca conseguirá ouvir um brado de admiração porque as suas obras, as mais íntimas, jamais serão vistas pelos homens. Será sempre um mendigo de mãos vazias, embora espalhando sementeiras de graça e de luz. E de tal modo mendigo que, embora sabendo que semeia, não pode medir nunca a extensão da sua sementeira. Há que contentar-se com semear sem ver, negando à sua própria inteligência o gosto de saber como, quando, a quanto frutifica a semente atirada à terra. Isso não lhe pertence já.

* * *

Se o espírito de pobreza exigisse apenas a renúncia ao dinheiro e às comodidades materiais, muitos o possuiriam sem grande esforço. Porque este aspecto, se bem que essencial, não é o mais difícil nem o que reclama maior doação. Ao contrário. Se não existir um verdadeiro espírito sobrenatural, poderá tornar-se no mais refinado egoísmo. É que o mundo admira e louva o padre desprendido, e isso pode levá-lo a viver por vaidade o que devia viver por amor. Mais subtil ainda é o perigo de o padre se prender à pobreza sob um aspecto meramente humano. Assim com facilidade deixará de ver nela um drama sobrenatural para a encarar simplesmente como uma reacção contra a desordem social. E esta faceta, se bem que verdadeira, deve ser superada ou cair-se-á numa revolta muito humana mas muito pouco cristã, porque quase sempre negativa.

O espírito de pobreza exige, além do desapego das coisas materiais, a negação total a tudo aquilo a que o mundo chama valores humanos. O padre sinceramente pobre terá que ser sempre, aos olhos da massa, um louco e um incompreendido. Isto mesmo quando admirado, porque o louvor não exclui de modo algum a incompreensão.

O padre sinceramente pobre terá de aprender a usar das coisas sem as possuir. Ele, o maior dispensador, há-de sentir-se sempre necessitado. Ele, o grande confidente, há-de sentir-se sempre só no meio da multidão que o não entende. Ele, que foi posto na terra para dar Deus aos homens, há-de sentir muitas vezes a ausência de Deus. Ele, o Pai das multidões, há-de ver-se sempre sem família. Ele, que sacia a sede e a fome dos homens com o Corpo e o Sangue de Cristo, há-de sentir sempre a sede da justiça e a fome do amor. Ele há-de viver com a multidão para a servir, ele há-de dar-lhe o corpo para se gastar, ele há-de tocar-lhe as feridas para as sarar. E, no entanto, a multidão não o há-de conhecer, os homens nunca lhe agradecerão, e aqueles a quem sarou as feridas voltar-lhe-ão as costas como os nove leprosos do Evangelho.

Trabalhará sempre na certeza de não construir nada para si. Terá de renunciar ao bom nome, à estima e, mesmo, a um certo conforto interior. Isto porque, se viver como verdadeiro padre, não poderá pensar em equilíbrio nem em tranquilidade. É que a busca destes valores é já a procura de algo de humano. Há-de sentir sempre no fundo de si mesmo, como queimadura que não sara, o desequilíbrio de um mundo que não encontra Deus. A sua paz será uma contínua guerra que de paz terá, apenas, a certeza da fé. Aos olhos da multidão não passará nunca de um diminuido, de um amarfanhado. Tudo aquilo que o mundo admira como valores reais, será a sua missão ajudar os outros a adquiri-los. Mas ele será, no fundo, um homem perdido para tudo isso, porque o seu principal cuidado deve ser o de se esvaziar de todo o sentir humano para que as riquezas de Deus o inundem. Só assim se poderá repartir, ficando sempre verdadeiramente pobre, porque nada do que possui é já seu.

Porque tenta viver a sério a pobreza de Cristo, há-de ser desprezado, e apelidado de original, visto quebrar com toda a barreira de hábitos e conceitos que correspondem à mentalidade do seu tempo.

Quando, porém, tudo isto lhe acontecer e o encontrar calmo de paz e alegria, começará a conhecer os primeiros frutos da pobreza absoluta. Só então terá lugar a verdadeira fecundidade espiritual, porque, para além de todo este jogo aparente de renúncia, de morte, de desnudamento e de aniquilamento, começará a florir, a cem por um, a verdadeira seara da alegria cristã.

ALBERTO NETO

O PADRE AMÉRICO
«RECOVEIRO DOS POBRES»

Antes de começar este pequeno artigo sobre o P.e Américo e a obra notabilíssima que vem realizando, entre nós, quero advertir o leitor de que, naquilo que se refere ao homem, serei o mais discreto que puder, apresentando só traços ligeiros que não perturbem a humildade e a modéstia da pessoa e não profanem, por enquanto, o perfume duma vida que deseja permanecer escondida; e, no que diz respeito à obra, sòmente ideias gerais poderão estar de harmonia com o espaço reduzido que tenho ao meu dispor.

E, posto isto, oiçamos uma história autêntica, das mais lindas que pode haver:

Certo dia, um belo rapaz, na alegria e na pujança da primeira juventude, cheio de vida, de poesia e de sonho, dotado das grandes qualidades intelectuais e morais que Deus costuma destinar a quantos nasceram para chefes, despede-se da família e dos amigos e segue para Moçambique, à procura da felicidade. Dezassete anos de trabalho inteligente e pertinaz, e uma vida exemplar que sabia cultivar amizades e distribuir alegrias, conquistam àquele jovem uma posição verdadeiramente invejável, um lugar de relevo e de muita responsabilidade em determinada Companhia e uma fonte de libras em ouro que nem durante férias secava.

Contente pelo último contrato que lhe garantia grande parte destes benefícios, o Senhor Américo Monteiro de Aguiar, com trinta e tal anos de idade, cheio de amigos, de dinheiro e de saudades, decide visitar a família e tornar a ver Portugal. Uma viagem belíssima premiou os trabalhos passados. Parece que duma vez, em que havia grande festa a bordo, o Senhor Américo, muito elegante e aprumado no seu fato novo de colonial, aproximou-se alegremente dum grupinho de freiras que regressavam das missões, a retemperar forças perdidas. E, começada a conversa na maior familiaridade, logo as convida para dançar, porque o baile, que seguia animado, não tinha com certeza mal algum. A resposta delas, muito sorridente e tranquila, causa-lhe no espírito uma impressão profunda e, daí por diante, aproveita a sua companhia para falar de

assuntos mais sérios. Encontro meramente casual, ou coisas da Providência Divina?

Pouco tempo se demora ao pé dos seus. À pergunta do pai, que estranhava tanta pressa e sentia, com certeza, a proximidade da morte, respondeu:... «uma longa viagem à Austrália, que desejo admirar e conhecer!...»

Despede-se comovido e refugia-se em Espanha, num convento de S. Francisco, sem nenhum dos seus o saber.

Algum tempo depois manda rescindir o contrato que fizera e paga honradamente os cem contos de indemnização, exigidos pela Companhia. Foi quanto custou a Frei Américo o hábito de Franciscano que, dois anos depois, voltaria a despir, guiado pela Providência de Deus.

— No Seminário do Porto negaram-lhe admissão, por causa da idade um tanto avançada; «não era tarde nem cedo, era a hora» — comentou depois o Padre Américo.

Enquanto estuda em Coimbra, preparando-se para o Sacerdócio, distribui pelos pobres o resto da sua riqueza que outros pobres haviam já desfalcado; e, no dia da missa nova, foi grande a admiração na sua terra porque, segundo parece, supunham-no em Moçambique, à testa da Companhia.

Apetece perguntar, agora, qual teria sido o motivo poderoso que lhe fizera abandonar as glórias do mundo, para vestir primeiro o burel de S. Francisco e depois a batina de Sacerdote, no Seminário de Coimbra. Suponho, todavia, que jamais o saberemos porque o Padre Américo não fala de si e o quase nada que da sua vida se descobriu, ou se deve a pessoas amigas ou a confidências involuntárias que, nos momentos de maior intimidade, lhe escapam tìmidamente da boca.

Uma coisa porém é certa: deixou-se vencer por um belo ideal a que não pôde nem soube resistir. Cristo manifestou-Se-lhe, no sofrimento e na dor dos infelizes, descobrindo-lhe as chagas do Seu Corpo Místico, que há-de completar, na Terra, o mistério da redenção divina. Teve horror ao Capitalismo que só de nome conhece o direito; assustou-se pelo aumento dos proletários, a atiçar cada vez mais a dolorosa luta das classes; verteu lágrimas de sangue, ao ver tantas pessoas marcadas pela miséria, cuja vida tudo é menos humana; e quis envolver num só abraço multidões enormes de crianças que, desamparadas pela família nos anos

mais tenros da vida, não têm probabilidade alguma de escapar à desonra e à cadeia.

Há momentos, na vida, de valor infinito. Daqui por diante o Padre Américo é uma fogueira a arder e jamais conseguirá dominar o pavoroso incêndio que lhe deve consumir a vida toda. Compreende, numa visão claríssima, que todos queremos ser felizes, por necessidade natural inerente a qualquer homem, mas que o não podemos ser enquanto não quisermos amar. Sabe que os homens, criados à semelhança de Deus, são eles próprios Amor e que, por isso mesmo, o ódio que reina pelo mundo há-de torná-lo cada vez mais infeliz, por ser descabida violência à nossa própria natureza. E, finalmente, toma para si uma resolução forte, que há-de ser, no futuro, o guia luminoso duma vida: fazer-se o «RECOVEIRO DOS POBRES», amando sempre e cada vez mais os maltrapilhos e desgraçados que toda a gente despreza e reservando às crianças da rua a melhor parte do seu apostolado. Sim! Há momentos, na vida, de valor infinito...

Por 1932 começa a alugar casas de campo que servem de colónia de férias, durante os meses de verão e por onde passam milhares de crianças, a quem dava saúde e vida, com «pão, amoras e sol». Em 7 de Janeiro de 1940, Miranda do Corvo assiste ao nascimento da *Obra da Rua,* com a fundação da «Casa de Repouso do Gaiato Pobre» que, tempos depois, mudou para «Trabalho» o nome de «Repouso», ficando a ser, ùnicamente, a Casa do Gaiato de Miranda. Dois anos após o nascimento, a Obra da Rua precisa de crescer e o Padre Américo espera no Porto. («Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci»!...).

Depois de muitos trabalhos e canseiras, oferecem-lhe, em Paço de Sousa, uma quinta razoável e um monte de ruínas. Quem trabalhasse por cálculo não tomaria conta dela ... O Padre Américo, sim! Quem deu tudo por Amor, tudo espera por Amor!...

Ajudado pelo P.e Adriano, que já estava na sua companhia, tem uma resolução de génio, que muitos chamariam de loucura e, «sem letras, sem dinheiro, sem prestígio e sem nada» pede a Teixeira Lopes o projecto duma aldeia para 300 rapazes, com 18 pavilhões adequados. «Que fosse tudo em granito e que não houvesse nada igual».

E foi assim que surgiu o milagre de Paço de Sousa: muita Fé, muita Esperança e muito Amor.

Em Junho de 1947, ao sair da Basílica da Estrela, encontra-se «casualmente» com Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, sendo gerada nessa mesma tarde, a Casa do Gaiato de Lisboa, a dar claríssimo testemunho do alto apreço e da muita compreensão que o Príncipe da Igreja em Portugal sempre consagrou à Obra da Rua. Em S. João da Madeira, Lisboa e Porto aparecem os primeiros Lares por que tanto suspirava o P.e Américo e, pouco tempo depois, ergue-se no mar a Casa do Gaiato Açoreano e enche-se de brios a cidade de Setúbal.

Quem julgaria possível um desenvolvimento tão rápido, com tão grande falta de recursos? E não é, todavia, no aspecto material, a todos os títulos notável, que devemos apreciar a obra do Padre Américo, porque, de facto, o maior milagre de amor não está nas quintas e nas casas, mas no que se passa dentro delas. A educação de milhares de jovens que viriam a ser a escória da Sociedade e que, deste modo, *podem* ser devidamente preparados (se para tal houver padres bastantes) espiritual e materialmente, para vencer as lutas da vida, há-de constituir, certamente, uma das maiores glórias deste Padre humilde e simples que vive apenas para pensar nos outros.

Uma Casa do Gaiato não é asilo de crianças, nem creche, nem qualquer estabelecimento congénere, dos muitos que se estendem pelo nosso país. Antes de mais, é uma verdadeira Família onde o Amor é laço de união entre todos. Nunca se expulsa ninguém e não há limite de idades; procura-se infundir em todos uma grande estima pelo trabalho, pela dignidade e pela honra; desenvolve-se o espírito da iniciativa e o sentido da responsabilidade; aproveita-se, da melhor maneira, a grande influência formativa que os gaiatos produzem uns nos outros; e consegue dar-se à maioria um sentido do espiritual e do divino que desconcerta quantos duvidam ainda da utilidade e urgência da Obra. Uma só frase do Padre Américo diz tudo em poucas palavras: «A obra da rua é de rapazes, para rapazes e pelos rapazes». — E não é preciso dizer mais. Nem criados, nem prefeitos nem vigias. O Padre é o Amigo que vela por todos, resolvendo problemas, atendendo necessidades, abrindo caminhos e, sobretudo, apontando Jesus. Mas são eles que mandam, dirigem, compram, vendem e sugerem.

Rapazes que nasceram e viveram entre os vícios mais depravantes são constituídos em autoridade, sentem-se pessoas honradas, tomam gosto pela disciplina e pelo trabalho, adquirem, pouco a pouco, a noção

de respnsabilidade e desempenham, briosamente, as mais difíceis tarefas. Tudo isto se alumia com a luz dum pequenino exemplo:

No lar do Porto estavam 30 rapazes, das mais variadas idades e governados por um chefe escolhido por eles próprios. Ora aconteceu que, duma vez, o chefe pensou que precisava de férias e confiou ao Padre Américo o seu desejo, indicando ao mesmo tempo o gaiato que escolhera para desempenhar, interinamente, as suas funções. Como o Padre Américo concordasse, começou ele a pôr dificuldades:... «Sabe... é que ele disse-me que só fica, no meu lugar, se vossemecê lhe der a chave do cofre e prometer nunca lá ir». — Que fazer? Antes eram ladrões e vadios e muitas coisas mais... Que fariam 30 rapazes, numa cidade, entregues a si mesmos, com a chave do cofre às ordens e a promessa da sua ausência? Padre Américo disse que SIM! E, poucos dias depois, o chefe autêntico escrevia de férias ao amigo: «Então? E que tal vai o barco? É preciso que vá bem *porque o Pai Américo tem confiança em nós...*».

Quando voltou de casa estava tudo no lugar, na melhor ordem e harmonia.

Muitos dirão que foi uma loucura e ninguém pode negar que foi uma cartada perigosa que, por intuição genial, produziu tão bons resultados. Mas fica deste modo patente que o sentido da responsabilidade é um dos maiores factores educativos, utilizados com sucesso pelas Casas do Gaiato.

Se o valor duma pessoa é infinito, infinito há-de ser o merecimento de quem transforma lama nojenta na brancura e na pureza do cristal. E, todavia, a obra do Padre Américo não fica limitada pelas Casas do Gaiato. A acção do Padre que se dedica totalmente à sua missão e faz do serviço do próximo o lema duma vida inteira, não se limita por paredes e fronteiras mas quebra as cadeias do espaço e do tempo, para se projectar na eternidade.

A obra do Padre Américo só no céu a conheceremos. Além do que já foi dito, justo era que se falasse agora da Campanha do Património dos Pobres que provocou grande incêndio em Portugal e de cuja luz e calor beneficiam já centenas de famílias. Mas dela não digo nada, por ser muito reduzido o espaço que me resta.

Atrevo-me, no entanto, a acrescentar que veio há tempos nos jornais uma notícia alegre: 28 casas do Bairro D. António Barroso foram aber-

tas a outras tantas famílias, das mais pobres de Miragaia. Nenhuma delas abriu a porta, de olhos enxutos e todos os presentes limparam lágrimas de comoção. E quem deixaria de chorar? Quem poderia adivinhar coisas desta envergadura, dentro do nosso território? Quem poderá saber quantos sacrifícios heróicos não terão sido necessários para produzir uma tal obra?

Miragaia pode orgulhar-se de possuir, no pequeno bairro inaugurado, um monumento cristão, erguido pelo esforço de ricos e pobres que se deram as mãos para começar a cumprir as palavras de Pio XI: «O cristianismo é uma vida que se vive e não uma teoria que se aprende».

Todavia, o Bairro de Maragaia, é apenas uma amostra do fervor e da caridade que reinam por toda a parte e que, à voz do Padre Américo, transformam centenas de barracas em tantas outras moradias.

Também por falta de espaço tenho de passar em silêncio quanto diz respeito ao Calvário, outra iniciativa do Padre Américo, que se destina a receber incuráveis e que será, dentro em breve, uma doce realidade. Mas não quero passar à frente, sem contar uma coisa triste, acontecida há pouco tempo. ...Era uma velhinha simpática, de aspecto bondoso e venerável e que, por não ter cura a sua doença, foi despedida do Hospital. Não possuindo ninguém de família, nem sequer pessoas amigas que a recebessem, por caridade, pôs termo à vida num momento de loucura. — Muitos hão-de perguntar, aborrecidos, a que virá tal história, numa tal ocasião. É tudo muito simples, na verdade: foi neste momento aflitivo que nasceu no Padre Américo a ideia do Calvário, que vem a ser, afinal, o complemento da sua obra. Assim, pode dizer-se, em justiça, que a Obra da Rua é, verdadeiramente, um *Altar de sacrifícios*.

*

* *

De tudo quanto foi dito impõe-se uma conclusão que desejo muito breve:

É magnífica a Obra da Rua, nos seus fundamentos, nos seus obreiros, nos seus fins, nos seus meios e na sua realização. É magnífica também a grandiosa campanha do Património dos Pobres, no sentimento que lhe deu origem, no espírito que a desenvolve e aumenta, no significado

que possui e nos efeitos que produz. Finalmente, magnífica há-de ser ainda a obra tão cristã do Calvário, quando deixar de ser ideia para se tornar uma realização prática. Mas, a Obra do Padre Américo não pode ser apenas isto, que já seria, aliás, um grande título de glória. E creio poder afirmar que a Obra-prima deste Padre angustiado está na grande revolução que, por meio das suas conferências e, principalmente, do seu jornal, se vai operando, lentamente, na mentalidade portuguesa.

Podiam não existir Casas do Gaiato, nem ter nascido o Património dos Pobres que, mesmo assim, o trabalho realizado era gigantesco e os frutos produzidos, abundantes. O Padre Américo arrebata com suas palavras quantos o podem ouvir ou ler, porque sempre foi eloquente a sinceridade e grandeza do exemplo. Acendeu no País inteiro uma fornalha de amor, em benefício dos pobres, dos enjeitados pela sorte, que dormem pelas barracas ou vagueiam pelas ruas, na tristeza indizível de serem um aborto no meio da Sociedade.

Lábios que nunca se abriram numa esperança podem agora sorrir e confiar que, pouco a pouco, Portugal inteiro toma consciência de si mesmo, distribuindo pelos infelizes o melhor da sua ternura e do seu carinho. E tanto mais isto nos deve alegrar, quanto é certo que não é fruto de passageiro entusiasmo, favorecido por especiais circunstâncias, mas se fundamenta, realmente, numa catequização lenta e progressiva que o «Gaiato» tem levado avante, com rara felicidade.

Chega a parecer impossível que um jornal tão pequeno, sem anúncios nem política, apaixone tanta gente que o lê com sofreguidão e não se cansa de o reler para melhor assimilar quanto nele se aconselha e diz. É que poucas vezes se tem apresentado, deste modo, a beleza da doutrina de Cristo. Por muito zelosos que sejamos, o que somos empobrece o que dizemos e, desta maneira, sempre atraiçoamos, mais ou menos, a mensagem que devemos transmitir. No «Gaiato» parece que não. Há pureza, sinceridade, verdade e luz. Há o amor de Cristo e o amor dos Pobres em cada palavra que se lê. Há um convite muito íntimo e sereno a um cristianismo autêntico que nem sempre é o que se vive. Há uma revelação do Mestre, que Se transfigura à nossa vista, quando sentimos, choramos e vivemos o drama de cada Pobre, que traz sempre consigo uma nova história de dor.

Quando hoje se conta, no «Gaiato» o caso de qualquer criança, exposta ao rigor da sorte, ou de alguma família pobre que só pode dar aos

filhos o calor dos beijos e das lágrimas, 50.000 Mães Portuguesas choram de tristeza e comoção e fazem da sua ternura os maiores milagres de amor que neste mundo nos é dado ver.

Antes, era natural quanto agora constitui anomalia. E, para resolver tão doloroso problema, há sacrifícios sem conta, feitos a sorrir e a cantar. Heroísmo nos pobres que se esquecem de si para pensar nos outros e também heroísmo nos ricos que oferecem grandes quantias, na humildade do anominato.

E assim se modifica a mentalidade; assim se prega o cristianismo autêntico e se faz grande apologia do Sacerdócio católico; assim se dá coragem aos Padres para seguirem, confiadamente, a vida de sacrifício que abraçaram, e grande confiança aos leigos para se darem conta das suas responsabilidades e doutrinas que professam.

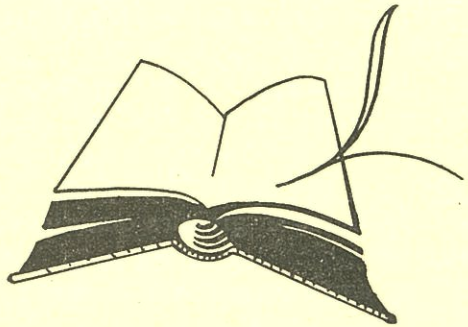
Os Pobres surgiram no palco nacional e muitos avistam, já próxima, uma nova era de Justiça, fundada na caridade e no amor. Esta é a Obra do Padre Américo. Muito verá quem viver um pouco.

A. TEIXEIRA DE SOUSA

«A vida religiosa nas nossas comunidades, seja o centro. As grandes aflições dos *Padres da Rua* tenham aqui a sua origem; *vale mais a alma do que o corpo.*

Por ela, pela alma dos rapazes, sangrem os padres até ao fim. A nossa capela. A missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos: — pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.»

PADRE AMÉRICO



Livros novos

— A Descoberta do Outro (1)

Gustavo Corção

O objecto principal deste livro, diz o seu autor,é a descoberta de que andava «amarrado ao próprio cadáver» e as consequências nascidas de tal descoberta.

O caminho, que levou Gustavo Corção a este resultado, foi sinuoso, cheio de encruzilhadas, feito de pequenos troços e atalhos, que ele pecorreu às vezes desesperadamente, mas sempre com uma vontade extraordinàriamente recta. Aliás, nas sendas que levam a Deus, de recto só há a vontade do que por elas caminha. O meandro, a linha quebrada é o curso normal de tudo o que é humano. E se há situações inexplicáveis, em que nos encontramos sem sabermos como, dando-nos a impressão de que caímos de outro mundo ou acordamos em país desconhecido, a posição do convertido é, mais que qualquer outra, uma delas.

O caminho da conversão assemelha-se muito ao desenho da criança que se distrai enchendo de riscos ao acaso uma folha de papel. No fim, é impossível adivinhar qual tenha sido a trajectória do lápis.

Os caminhos de Deus são emaranhados indestrinçáveis para nós. Podemos — e isso é já muito — tentar marcar o ponto de partida e alguns sítios particularmente notáveis na rota que nos leva ao termo.

G. Corção partiu do encontro com os homens para o encontro com Deus. Da descoberta dos «outros» chegou à descoberta do Outro — de Cristo. Quando achou os homens, quando os sentiu no seu sofrimento, esmagados pela injustiça, começou a caminhada longa da sua libertação.

Foram os outros que o obrigaram a descobrir-se a si e a sentir ou, ao menos, a pressentir que haveria uma saída, uma resposta para as suas angústias, um pão para a sua fome.

«O encontro com o *outro*, no amor, renova, o mundo, inaugura uma contagem de tempo, e faz do chão mais áspero o vestíbulo de um palácio em festa.» (pág. 125).

Chesterton e Maritain foram os seus iniciadores, os que lhe revelaram, literalmente os que lhe tiraram o véu que encobria a seus olhos a beleza deslumbrante da doutrina de Cristo. Alguma coisa de ambos ficou a Gustavo Corção; mas, ia a dizer, o escritor brasileiro supera-os, ao menos em certo aspecto. Li, há pouco ainda, as «*Lições de abismo*», romance espantoso do mesmo G. Corção. Pois bem: é-me difícil dizer qual dos dois livros me despertou maior interesse e entusiasmo.

Não me parecem agora exageradas as palavras com que Tristão de Ataíde se referiu à «*Descoberta do Outro*»: «um pensamento e um estilo que bruscamente abrem uma janela em nossas letras».

De facto, a originalidade sadia, o pensamento profundo mas sem erudições e ressonâncias balofas, o estilo incomparável porque pessoalíssimo, fazem desta obra um caso à parte na literatura portuguesa dos nossos dias.

Em «*Fronteiras da Técnica*», G. Corção denuncia a incapacidade da mesma para solucionar o grande problema de sempre — o problema do homem. A chave da felicidade, a porta que abre para a estrada real onde os homens possam caminhar a passos lar-

(1) — Edição da SET

gos e em segurança, não o podem indicar os ponteiros dos galvanómetros. G. Corção fez a experiência e conta-a neste livro. Aliás, toda a sua obra assume um sentido de missão, é consagrada a apontar aos outros homens, sem arrepios de sentimento nem sermões intragáveis, mas simplesmente, verdadeiramente, o rumo que leva à certeza libertadora, à verdade que ilumina e acalenta.

Termino com um aceno de simpatia e de agradecimento para a SET, por nos ter posto ao alcance uma obra de tal envergadura, sem deixar de lamentar, todavia, o razoável número de gralhas tipográficas que um pouco de menos descuido teria evitado.

A capa de Marcelo de Morais merece, também, uma referência elogiosa pelo sugestivo e pela originalidade.

A. GUERRA

Vocação do Cristão [1]

Jacques Lecrercq

Somos contradição. É-nos apontado o caminho da liberdade e nós tomamo-lo convencidos de entrarmos em prisão. Aplaudindo, embora, o apelo à altura, estagnamos na chã inércia do espírito.

Este livro — desmascara a nossa posição contraditória e convida-nos à lógica aceitação do mistério da perfeição cristã.

Como em nenhum tempo, hoje se fala da missão do laicado no seio da Igreja. Do seu passivismo tradicional, o leigo é chamado às linhas activas do apostolado. Apostolado pela aceitação das responsabilidades temporais na perspectiva da justiça e da caridade que são caminho para o Reino de Deus. Mas toda a eficiência apostólica supõe no militante uma disponibilidade para a graça divina, uma transformação de todos os valores em instrumentos da obra redentora de Cristo; supõe, afinal, a santificação própria.

Síntese actualíssima da ascética cristã, «*A Vocação do Cristão*» revela a beleza da vida interior, revaloriza nas inteligências actuais os conceitos tão mal compreendidos da renúncia cristã e do amor. Renúncia que é, uma contínua libertação em relação a todos os valores humanos. «Só seremos cristãos com a condição de estarmos disponíveis. Prontos para tudo: — *Mestre, que queres que eu faça?* — E faz-se». (pág. 88). Amor que é o segredo do Reino (pág. 66), que deverá inspirar todos os nossos actos em quaisquer circunstâncias, que a tudo nos chama, «se o bem dos nossos irmãos está em jogo» (pág. 111).

Diz o autor, e é assim, que este livro se destina a revelar o Evangelho tal como ele é. Mas não se trata de uma súmula, de um condensado que apresente às inteligências a doutrina evangélica por um método que lhes facilite a preguiça a que o actual ambiente as dispõe. O livro, para ser útil, exige reflexão. De contrário, a admiração pelo estilo vivo, pelas afirmações desassombradas, pela capacidade analítica das mentalidades actuais, pela exposição fulgurante dos temas, por tudo o que torna primorosos os livros de Jacques Leclercq, não passaria de mero diletantismo religioso.

Será a aceitação, que o público português tem dado às obras de Leclercq tão assiduamente trazidas ao seu alcance, preságio de mais activa e profunda tomada de consciência do nosso laicado católico?

Abençoado seja, então, o esforço dos que trabalham para a divulgação destas obras.

FERNANDO MELRO

Jesus Cristo, vida da alma — A união com Deus em Cristo [2]

Dom Columba Marmion

Não vamos, evidentemente, abalançar-nos à crítica dos livros de Dom Columba Marmion, cuja obra, colocada já entre as dos clássicos da espiritualidade cristã, mereceu do Santo Padre Bento XV a consagração definitiva. Quiséramos, no entanto, chamar a atenção para o cunho particular dos escritos deste mestre, mostrando quanto se tornam úteis ao seminarista e ao sacerdote.

Director de consciências experimentado e teológo profundo, Dom Columba Marmion conseguiu, mercê da sua vida de oração in-

(1) 7.º Volume da «Colecção Éfeso» — Editorial Aster, Lisboa — 1955

(2) Edições Ora & Labora — Mosteiro de Singeverga.

tensa, não só assimilar toda a riqueza dos mistérios da fé como alimentar deles as almas que se lhe confiavam. Para Dom Columba não havia, certamente, uma teologia de ensino e outra de oração e de vida. Por isso os seus livros, remando contra o predomínio das devoções parcelares, nos reconduzem ao centro, ao cerne da vida cristã: Jesus e os Seus Mistérios aparecem-nos aí como o meio único de santificação do homem. Para além das críticas de pormenor que lhe possam ser feitas (temos encontrado quem preferisse um estilo mais sóbrio e quem gostasse duma explanação mais demorada), as obras do Abade de Maredsous ficarão como resposta a certa inquietação moderna: igualmente distanciado de todos aqueles que se multiplicam em receitas e dos que descrêem das «teorias», Dom Columba não se arreceava de ministrar às almas toda a grandeza do dogma.

Para os sacerdotes e seminaristas, estes livros apresentam novo título de valia. Entregues ao estudo da Teologia, nós deixamo-la esterilizar não raramente em nossas almas. Falta-nos o hábito de escolher para pontos de meditação essas verdades que defendemos nos exames. Fugimos de bom agrado para livrinhos, certamente recomendáveis, mas que nos não oferecem a mesma largueza de horizontes. Nas obras de Dom Columba vamos encontrar precisamente esta teologia viva de que sentimos necessidade; valor que importa acentuar não só em razão da formação do nosso espírito como da preparação para o ministério da palavra.

Em «*Jesus Cristo, vida da alma*» o autor dá-nos uma visão global do plano da nossa redenção e santificação em Cristo. Partindo da providência divina e da economia dos desígnios de Deus a respeito do homem, desenvolve o tema da mediação de Jesus, para chegar à doutrina do Corpo Místico e ao mistério da santificação das almas pelo Espírito. A última parte do volume é consagrada mais particularmente ao caminho da alma para Deus.

O outro livro, que apresentamos, «*A união com Deus em Cristo*», é a colecção das cartas de direcção espiritual, enviadas pelo Autor a pessoas de condições e vocação muito diversas, recolhidas e comentadas por um monge da sua Ordem. Num estilo mais acessível e fluente, esta correspondência constitui por si só um tratado de ascética, tanta a variedade dos conselhos com que topamos. Indispensável a quem queira conhecer mais de perto a personalidade de Dom Columba, é também a sua obra que mais fàcilmente se pode colocar nas mãos de pessoas menos adiantadas na oração.

Ambos os volumes foram traduzidos e publicados com esmero pelos monges de Singeverga que, dados a tão louvável tarefa, mais facilitam ao público português o acesso à obra deste mestre da espiritualidade contemporânea.

JOÃO RODRIGUES

CURSO DE ESTUDOS SOCIAIS

O Seminário de Aveiro assistiu, nos dias 24 a 26 de Agosto, a algumas sessões de estudo com o título em epígrafe.

Quando reboaram, frementes, na sala, os aplausos às conclusões deste Curso, sentimos naquelas vibrações um triunfo da própria Igreja. Esta tomada de consciência, por parte dos católicos, da Doutrina Social do Evangelho, é a manifestação da vitalidade deste para resolver os múltiplos problemas sociais, por vezes angustiosos, dos nossos dias. Contudo, a maioria dos homens ignora essa Doutrina — incompreensão e desdém de que todos sofremos as consequências.

Industrialização, novos métodos e técnicas cada vez mais perfeitas — necessárias para manter a população sempre crescente do mundo — eis a obra do homem hodierno que, não obstante o esforço, não deixa de ser o homem sujeito ao erro, que nem sequer aproveita a lição da experiência alheia.

Após a entoação do Credo — afirmação de fé de membros da Igreja cuja luz íamos receber — foi dado início aos trabalhos. Temas como «*O Problema da Habitação*» pelo Eng.º Horácio de Moura, «*O Corporativismo*» pelo Rev.º Dr. Francisco Inácio dos Santos, «*A Industrialização e os seus problemas*» pelo Rev.º Dr. João Carlos de Miranda, e «*O Problema Operário*» pelo Rev.º Dr. Lúcio Craveiro da Silva, levantaram na assistência prolongadas discussões, sempre no desejo de conhecer a Verdade. Outros como «*O Movimento Social Contemporâneo*» pelo Rev.º Dr. Manuel M. Candelária, «*O Comunismo*» pelo Rev.º Padre Aníbal Ramos, «*A Acção Católica nos meios operários*» por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo Auxiliar da Diocese, e «*A Acção Social do Padre*» por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo do Porto deixaram a assistência convencida perante a exactidão dos conceitos e actualidade da Doutrina. «*As doutrinas sociais*» pelo Rev.º Dr. Francisco Inácio dos Santos, «*As bases duma Ordem Social Cristã*» e «*A Doutrina Social da Igreja*» por Mons. Avelino Gonçalves, bem como «*O ensino da Doutrina Social da Igreja*» pelo Rev.º Padre António Resende foram, igualmente trabalhos relevantes pela superior exposição dos seus autores.

Para mais larga compreensão da amplitude destas jornadas sociais, acercámo-nos de S. Rev.ª o Sr. Padre Aníbal Ramos, Vice-Reitor do

Seminário e membro ilustre do Centro de Acção Pastoral, organismo a cuja orientação se deve esta iniciativa.

Qual o pensamento que presidiu à realização deste Curso?

— Estudar, à luz do ensino da Igreja, os princípios em que se fundamenta a doutrina social cristã; orientar leigos e sacerdotes no sentido duma esclarecida compreensão dos problemas sociais; procurar, por troca mútua de impressões, uniformizar, tanto quanto possível, a actuação prática no campo social; e, finalmente, suscitar nos leigos e sacerdotes o desejo de um estudo mais profundo da questão social.

Pode considerar-se, de facto, nova etapa no despertar da consciência católica?

— O interesse que o Curso despertou, apesar da pouca propaganda feita; o avultado número de inscrições (169, ao todo); a atenção demonstrada durante as lições e, principalmente, nos debates que se lhes seguiam — permitem uma resposta francamente afirmativa.

Terá o Curso projecção na vida nacional?

— Decerto, pois uma parte considerável de cursistas era proveniente de sete Dioceses do país e, além disso, os oradores foram escolhidos de forma a conseguir-se uma autêntica selecção de competências que não pertencem a qualquer Diocese, mas à Nação. De resto, a quase totalidade dos temas é de carácter nacional e implica, necessàriamente, larga projecção na vida portuguesa.

Considera-o V. Rev.ª como ponto de partida para futuras realizações?

— O simples facto de se chamar I Curso de Estudos Sociais supõe, naturalmente, que outros serão promovidos. O Centro de Acção Pastoral de Aveiro, organizador deste Curso, tenciona realizar novos Cursos, de dois em dois anos, e não os faz anualmente porque as Semanas Pastorais tornam tal hipótese impossível.

Que podemos considerar original neste Curso?

— 1.º — A participação activa de sacerdotes e leigos em tão grande número e tão bem seleccionados. 2.º — A existência duma exposição documental com vários gráficos sobre a organização do Partido Comunista Português, o Corporativismo e as publicações dos Organismos Operários da Acção Católica Portuguesa. Houve, ainda, uma exposição-venda de livros sobre assuntos sociais, organizada pelas «Edições JOC».

Não obstante serem todas notáveis, quais das lições ou teses, na opinião de V. Rev.ª, são dignas de salientar-se?

— Embora este assunto seja bastante difícil e melindroso, e, além disso, se refira só às teses e não aos temas práticos, creio que merecem citação especial a magnífica lição de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, sobre «A acção social do Padre» e o excelente trabalho do Rev.º Dr. Lúcio Craveiro da Silva, Reitor Magnífico da Faculdade Pontifícia de Filosofia de Braga, sobre «O Problema Operário».

Qual a reacção católica perante iniciativas deste género?

— A avaliar, pelo presente caso, a reacção foi a mais favorável que se podia esperar e ultrapassou, mesmo, todas as expectativas do Centro de Acção Pastoral. A assistência aprovou, por unanimidade, para assunto principal do próximo Curso o problema agrário. Há, pois, que multiplicar iniciativas deste género, na certeza de que se pode contar com o interesse dos sacerdotes e leigos, cada vez mais dispostos a um trabalho intensivo de estudo e acção segundo as normas e os princípios da Doutrina Social Cristã.

J. A.

CONCLUSÕES DO CURSO

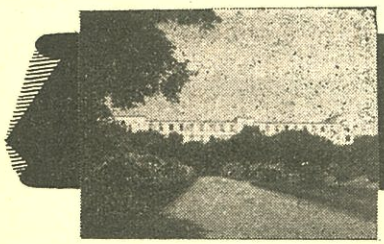
Os participantes no Curso de Estudos Sociais da Diocese de Aveiro, realizado nos dias 24, 25 e 26 de Agosto de 1955, concordaram unânimemente em que:

1.º — Se redija um opúsculo com as linhas gerais da doutrina exposta neste Curso de Estudos Sociais, alvitrando que se publique, na íntegra, o trabalho de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto;

2.º — Se continuem a realizar Cursos de Estudos Sociais e que o primeiro trate do grave problema agrário;

3.º — Se insista, cada vez mais, nas gravíssimas responsabilidades do clero e do laicado católico em matéria social, por uma conveniente e eficaz doutrinação do ensino da Igreja;

4.º — Se promova a fundação de organismos da Acção Católica, especialmente de organismos operários, onde não existam, e se desenvolvam os já existentes, aos quais incumbe a particular missão de infundir em todas as instituições sociais o espírito cristão; e que os sacerdotes estabeleçam, o mais possível, contactos naturais e simples com as massas trabalhadoras.



CRÓNICA

Exposições

Organizada pela Academia de Santo António, a Semana de Cultura Católica, de 8 a 15 de Maio, criou verdadeiro interesse. De todo o programa devem salientar-se as suas exposições. Entre elas, sobressairam uma sobre o movimento católico no cinema e outra sobre as primeiras épocas das novas correntes de pintura. Ambas de cunho acentuadamente formativo, foram orientadas pelos seus organizadores de modo a permitir que o visitante não corresse friamente a sua retina pelas filas de quadros e outro material expostos, mas se apoderasse, através do texto documentário, do objectivo tido em visita. A exposição sobre o cinema pôs-nos a par de um gigantesco trabalho de apostolado, depois de nos fazer viver o denso problema que esse movimento procura solucionar. Apreciando esse trabalho, de si bem católico, pudemos verificar, também, a pouca actividade no nosso país a contrastar com uma terrível necessidade e urgência de que poucos se apercebem.

Visitaram esta exposição Suas Eminências, o Senhor Cardeal Patriarca e o Senhor Cardeal Ottaviani, Monsenhor Fernando Cento e muitos elementos do Clero, Acção Católica, etc.

A exposição sobre os primórdios da pintura moderna, com a época impressionista e ainda os tempos de Van Gogh, Cézanne e Gauguin, primorosamente organizada ao jeito de galeria, foi mais um importante passo em nossa formação artística.

Honra para a nossa casa

Com imensa alegria recebemos no nosso Seminário, a meados de Maio último, a figura ilustre do Eminentíssimo Cardeal Ottaviani. Depois de, em companhia do Senhor Cardeal Patriarca, ter visitado toda a nossa Casa, e a encerrar uma modesta sessão em sua homenagem, o ilustre purpurado e alto membro do Santo Ofício dirigiu-nos algumas palavras de apelo à nossa vida, palavras que para nós foram como do Santo Padre. Outra página se escreveu a oiro nos anais do Seminário dos Olivais com a visita de Sua Eminência, o Senhor Cardeal Ottaviani.

Festa de despedida

O dia 29 de Maio foi de mais uma festa de despedida, que o mesmo é dizer dia de saudades para os que partem e para os que ficam, mas também de alegria para todos perante o novo punhado de apóstolos que viram concretizados os seus ideais.

O sentido da sua consagração, no pontifical da manhã, melhor o vivemos este ano, pois, coincidindo a festa com o dia de Pentecostes, melhor entrevimos o valor dessa doação como penhor para os novos apóstolos dos mesmos dons que foram derramados sobre os primeiros. Como então, também agora a sua fé será medida do apostolado.

Pela tarde, tivemos a habitual Sessão dando-nos Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca a honra de a ela presidir. A peça

representada despertou invulgar interesse. «A Dalmática Vermelha» é um Mistério bíblico que nos fez viver a vida do Santo Diácono protomártir, e a razão do entusiasmo levantado foi o ser a peça da autoria dos nossos. O autor, Fernando Melro, foi no caminho de Claudel e deu-nos uma magnífica peça onde não soubemos se apreciar mais o efeito cénico se a profunda poesia cheia de realidade. O Mistério muito ficou devendo, também, ao Saraiva Leitão que esplêndidamente a musicou, e à encenação do João de Almeida.

Na Academia

Na Academia de Santo António nunca há encerramento: termina-se o ano a pensar no que vem e, antes de mais, elege-se o novo presidente. Para 55-56 foi eleito Fernando Melro. Em última sessão, o Presidente cessante, Padre Abílio Tavares, depois de haver agradecido aos nossos Superiores todo o seu trabalho e apoio, olhou rápidamente para o ano que findava, verificando posições e apontando falhas.

O novo Presidente, a quem cabe dirigir a Academia no seu vigésimo ano de existência, disse ter como linha de orientação a completa formação do padre de hoje e, para isso, pediu a ajuda de todos para serem tratados proveitosamente temas como «A Igreja e o Ensino», «Sociologia Religiosa e Pastoral», «Sindicalismo Cristão», etc.

Para Presidente da secção de Filosofia foi escolhido Manuel Carvalhinho.

A terminar

Foi como todos o final do ano 54-55. Depois de no dia 10 de Junho havermos dado um esplêndido e há tanto desejado passeio à Arrábida, molhando-nos no mar, passeando pelas encostas, evocando Frei Agostinho da Cruz, entrámos apetitosamente nos exames.

No dia 29 de Junho voltámos mais uma vez à Sé Patriarcal para vivermos um novo Pentecostes. Muitos dos nossos subiram mais um degrau e a nove deles vimo-los Sacerdotes do Senhor, participantes do ministério dos Apóstolos Pedro e Paulo. Que o Senhor abençoe e santifique estes eleitos.

ALBINO CLETO

Sociedade Editora
ALA ESQUERDA
Composição e impressão
de Jornais Livros e Revistas
Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Telef. 268 - BEJA - Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALÚRGICA
S. A. R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

Porque são turbulentas as Crianças?

Estas obras foram especialmente concebidas para vos ajudar a resolver os múltiplos problemas da educação das crianças.

A Arte de Educar as Crianças de Hoje

por GASTON COURTOIS

Colectânea de sugestões e conselhos práticos sobre os problemas centrais desta arte tão bela e difícil — educar — muito lucrarão com a sua leitura todas as pessoas que, a qualquer título, se ocupam de educação.

A Psicologia da Criança - Linhas Fundamentais

por GUI JACQUIN

Apresenta-nos uma psicologia dinâmica e não estática: descreve-nos a criança em acção. um livro necessário ao educador. É também um livro sinples, acessível a todos, actuall

Estas duas obras da colecção «PSICOLOGIA E PEDAGOGIA» são edições de

S. E. T. — *Sociedade Editorial* «O TRABALHADOR»
Rua António Maria Cardoso 68 — **LISBOA** — Tef. 35356

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor

DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

Américo Martins Paixão

ALFAIATE

Especializado em toda a obra eclesiástica

Rua Ferreira Borges, 37-41 LISBOA

DEFENDA A SUA VISTA

Usando lentes e armações de 1.ª qualidade

Casa especializada na execução de todo o receituário médico

Lentes, Armações, Estojos, Lupas, Binóculos, etc.

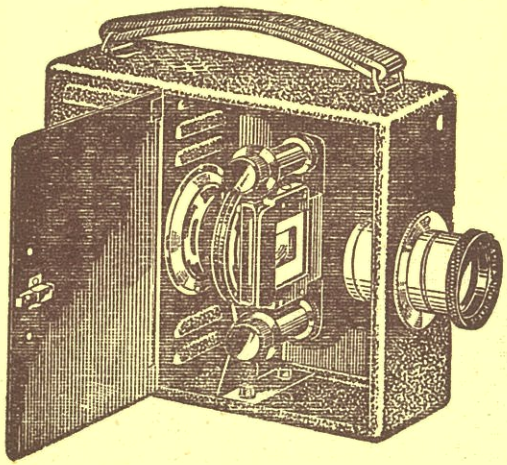
Concedemos os máximos descontos

OPTICAL, L.DA

Rua Eugénio dos Santos, 30 2.º
LISBOA Telef. 367762 Portugal



EX.MOS PÁROCOS, CATEQUISTAS, EDUCADORES:



Para o ensino adoptai o

CAMERAFIX

o projector que se impôs pela sua

luminosidade

simplicidade

economia

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS

Santa Maria Goretti
As obras de misericórdia
Os 3 videntes de Fátima
Santo António de Lisboa
São João de Deus
O filho pródigo (parábola)
O bom Samaritano (parábola)
Os Sacramentos (colorido)

RECREATIVOS

O trinco da porta
Pedrinho, cabeça no ar
A história da Carochinha
O lobo e a cabaça
Cavalo fidalgo e burro invejoso
João pastor e o cão leal
A cigarra e a formiga
A garça e a raposa
O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76 - 2.º **LISBOA**

REVISTA DOS ALUNOS
DO SEMINARIO DE
CRISTO REI - OLIVAIS